



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

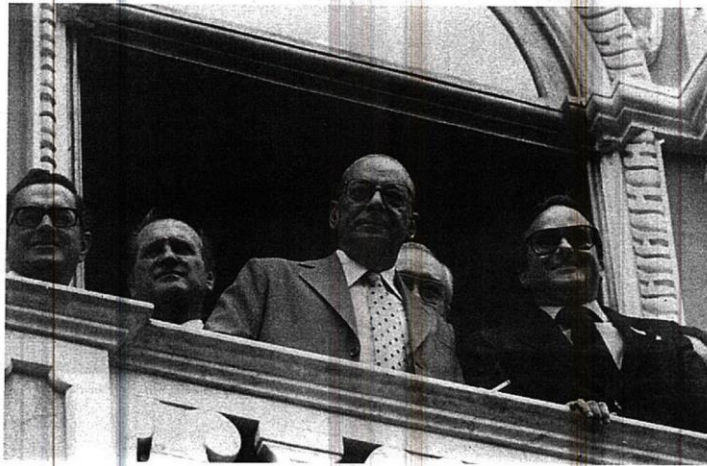
03 e 04 de dezembro de 2016

Notícias do Dia Estado

“Novembrada pública”

Novembrada pública / Palácio Cruz e Sousa / João Batista Figueiredo / Jorge Bornhausen / Protestos / Praça 15 de Novembro / SNI / Ditadura / Presidente da República / Florianópolis / Lei de Acesso à Informação / Comissão da Memória e Verdade / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Arquivo Nacional / Manifestação / Serviço Nacional de Informação / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Curso de Direito / ASI / Assessoria de Segurança e Informações / Eletrosul / Telesc / Celesc / Ponto Chic / Adolfo Luiz Dias / Lígia Giovanella / Amilton Alexandre / Mosquito / Geraldo Barbosa / Marize Lippel / Newton Vasconcelos / Rosângela Koerich de Souza / Lei de Segurança Nacional / Bertino Ramos / Operação Barriga Verde / Operação Arco Íris / Catedral / Esperidião Amin / Floriano Peixoto / Fortalezas / Nossa Senhora do Desterro

22/23.Estado NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 3 E 4 DE DEZEMBRO DE 2016



Da sacada do Palácio Cruz e Sousa, Figueiredo e Bornhausen observam protestos na praça 15 de Novembro.

Novembrada pública

Documentos do SNI revelam visão da ditadura sobre a Novembrada

MATEUS VARGAS
mateus.vargas@noticiasdoestado.com.br

Dentro do palácio Cruz e Sousa, um ruído ganhou corpo ao ponto de se tornar enorme. Escorado na sacada frontal do edifício, o presidente João Batista Figueiredo lançou um sinal enigmático aos manifestantes: um círculo formado pelos dedos indicador e polegar que se tocavam. Soou como provocação. A dignidade da mãe do presidente entrou em pauta no coro que vinha da praça 15 de Novembro. Figueiredo perdeu a calma. Foi em direção aos manifestantes para resolver a questão no braço.

A confusão com o presidente da República inseriu Florianópolis no almanaque da ditadura militar brasileira. No último dia 30, a Novembrada completou 37 anos. Disponibilizados recentemente para pesquisa, com incentivo da Lei de Acesso à Informação, documentos elaborados por órgãos de inteligência revelam a visão da ditadura sobre o episódio.

Pesquisadores da Comissão da Memória e Verdade da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) foram os primeiros a estudar os documentos com carimbo de confidencial sobre a Novembrada, armazenados no Arquivo Nacional. Foram encontrados registros dos dias anteriores à confusão com o presidente, quando a ditadura já monitorava possíveis manifestações.

Relatórios de inteligência apontariam as falhas de organização da visita de Figueiredo. Outros centenas de páginas tratam dos desdobramentos: prisões, protestos e julgamento dos sete estudantes apontados como lideranças do confronto contra o presidente.

Para alguns protagonistas do episódio, a Novembrada ainda gera desconforto. “O que tinha de ser dito sobre o assunto está escrito em minha biografia. Não tenho menor interesse em falar sobre”, afirmou o ex-governador Jorge Bornhausen, mais de três décadas após a confusão. ■

CONFIDENCIAL

Ditadura vigiava
“subversivos”

“

“Estaria sendo articulada manifestação frente ao palácio do governo com mais ou menos dez casais/homens se apresentarão com bolsos para fora e as mulheres com panelas vazias/ (ilegível) faixas, em protesto elevação custo vida”.

Trecho do Telex enviado pelo Serviço Nacional de Informação alertando da manifestação

■ Nos dias anteriores à confusão, circulou entre agências do SNI (Serviço Nacional de Informações) o alerta de que o presidente Figueiredo seria recebido com protestos na capital catarinense. Em telex de 28 de novembro, o Serviço informou: “Estaria sendo articulada manifestação frente ao palácio do governo com mais ou menos dez casais/homens se apresentarão com bolsos para fora e as mulheres com panelas vazias/ (ilegível) faixas, em protesto elevação custo vida”.

Atual reitor da UFSC, Luiz Carlos Cancellier era estudante de direito à época. Ele atuava dentro do movimento estudantil como membro do PCB (Partido Comunista Brasileiro): entre o clandestinidade e a legalidade, infiltrado na juventude do MDB (Movimento Democrático Brasileiro). “Era madrugada quando terminamos os panfletos e cartazes”, recordou o reitor sobre a maratona para organizar a Novembrada. Cancellier não acordou o tempo de flegrar a confusão.

Para o reitor, era latente a sensação de ser vigiado em reuniões do movimento estudantil. Ainda assim, ele e a maioria dos estudantes da época desconheciam que dentro da própria universidade havia uma espécie de filial do SNI. Conhecida pela sigla ASI/UFSC (Assessoria de Segurança e Informações), o órgão alimentaria as fichas políticas daqueles considerados subversivos pela ditadura.

Informes minimizaram atos e apontaram falhas de segurança

O alcance da rede de informações da ditadura em Santa Catarina pode ser mensurado por documento do SNI com data de 1978, que revela a estrutura de vigilância no Estado. Em grandes repartições públicas, como Eletrosul, Telesc e Celesc, havia o próprio setor de investigação. Em alguns casos, informes com "comunistas" e "subversivos" como alvos deixariam de ser produzidos apenas no início da década de 1990, com a extinção do SNI.

Dias após a Novembrada, a agência de Curitiba do SNI enviou para a central um relatório sobre a visita de Figueiredo a Florianópolis. O documento de 27 páginas relata o episódio e faz análises sobre falhas da equipe de segurança de recepção ao presidente. Conforme os agentes, a situação saiu do controle quando o presidente estaria no Ponto Chic:

– Nesse momento (...) começam os empurrões, e o deslocamento do presidente até o carro e a partida do comboio foi difícil. (...) Com a confusão, algumas pessoas, em particular senhoras, caíram e houve escoriações leves de joelhos e cotovelos – registrou o SNI.

Os agentes minimizaram os atos dos estudantes. Conforme o documento, haveria mais de 10 mil pessoas na praça, sendo que "os agitadores, inclusive os colegiais de 10 a 12 anos, não chegavam a 40". O informe também listou possíveis motivos para a manifestação popular e criticou falhas na segurança do presidente. Para os agentes, o correto seria realizar uma "operação arrastão" nos dias anteriores, prendendo os possíveis líderes das manifestações que estava prevista. Além disso, consideraram que o cenário de crise e insatisfação popular teria motivado protestos.



Telex enviado entre agências do SNI revela agente da ditadura em reunião do DCE.

ARQUIVO NACIONAL/REPRODUÇÃO



Policiais contêm manifestantes que, conforme o SNI, "não chegavam a 40"

Conclusão do Serviço Nacional de Informação

■ As manifestações contrárias ao presidente da República não foram espontâneas da população presente, como quiseram fazer crer os estudantes em nota divulgada e alguns jornais.

■ A falta de ações preventivas ou repressivas por parte dos órgãos de segurança permitiu que as manifestações se desencadeassem livremente.

■ A população presente, ainda que aplaudisse as palavras do presidente,

permaneceu indiferente às manifestações de hostilidade promovida pelos estudantes, na expectativa de que a polícia tomasse essa atitude.

■ Houve insuficiente policiamento por parte da Polícia Militar/SC, porquanto seus efetivos, além de pequenos, tiveram parte empenhada em Honras Militares.

■ A data escolhida para a visita do Presidente a Santa Catarina, em face dos últimos eventos como:

Aumento do preço dos combustíveis. Energia Elétrica. Campanha para retirada da placa do Marechal FLORIANO, impossibilidade da concretização da Sidersul, declarações do Ministro JAIR SOARES (nomes destacados no documento) sobre aposentadoria aos 65 anos, não foi oportuna.

■ A presença de elementos, registrando antecedentes (...) entre os agitadores, caracteriza a origem do movimento contestatório.

Estudantes absolvidos

■ Sete estudantes da UFSC foram apontados como lideranças do protesto: Adolfo Luiz Dias, Lígia Giovanella, Amilton Alexandre (Mosquito), Geraldo Barbosa, Marize Lippel, Newton Vasconcelos e Rosângela Koerich de Souza. Enquadrados na Lei de Segurança Nacional, eles seriam absolvidos apenas em 1981, com passagens pela prisão e diversos depoimentos até o julgamento.

A central do SNI elaborou análise sobre o processo, com críticas ao inquérito policial "repleto de falhas", e à denúncia apresentada pelo procurador Bertino Ramos, "sem que houvesse provas suficientes para condenação". O mesmo procurador entrou no caminho de presos políticos catarinenses anos antes, ao pedir a condenação de 19 envolvidos na Operação Barriga Verde (1975), episódio mais violento da história da ditadura no Estado.

Anos mais tarde, ao final do julgamento sobre a Novembrada, Ramos protestaria. "Dizendo-se inconformado com a sentença absolutória, recorreu ao Superior Tribunal Militar", registrou o SNI. Para o Serviço, a insistência do procurador traria prejuízos à ditadura. "Uma denúncia como essa, somada à apelação, para enquadrar estudantes na LSN sem que haja provas suficientes, fortalece a campanha contra a referida lei", diz o informe.



Uma denúncia como essa, somada à apelação, para enquadrar estudantes na LSN sem que haja provas suficientes, fortalece a campanha contra a referida lei."

Informe do SNI sobre queixa do procurador Bertino Ramos, inconformado com a absolvição dos estudantes

"Placa" seria a motivação

■ Entre a Novembrada e a absolvição, diversos protestos ocorreram em Florianópolis e no restante do país a favor dos estudantes. Semanas antes do júri, um telex enviado da agência de Curitiba para a central do SNI detalhou a intervenção da polícia – batizada Operação Arco Íris – para impedir uma grande manifestação em frente à Catedral. Na confusão, tiros foram disparados e turistas argentinos ficaram feridos. Segundo a mensagem, 29 foram detidos, mas liberados na mesma noite após interrogatório.

Para o julgamento da Novembrada, um improvável personagem foi chamado como testemunha de defesa dos estudantes. Em seu próprio automóvel Corcel, que quebrou o para-brisa no caminho, Esperidião Amin seguiu para a Curitiba, onde defenderia que o protesto teria motivações históricas: a placa da discórdia em homenagem ao ex-presidente Floriano Peixoto. Durante batalhas para confirmar a república pretendida por Peixoto, centenas foram fuzilados em fortalezas de Florianópolis, quando ainda se chamava Nossa Senhora do Desterro.

Após a Novembrada, o presidente Figueiredo voltaria ao Estado em outras três ocasiões antes de encerrar seu mandato, em visitas sem grandes cerimônias de bajulação ou protestos.

Samba da Conciliação, composto por Luiz Henrique Rosa

Presidente João
O povo do Brasil
nesta canção
vem lhe pedir
humildemente
Um minuto
de atenção.
O coração brasileiro
não se cansa
De ter sempre
uma esperança
Para a vida melhorar.
Pode contar com a
gente Presidente
A decisão está
na sua mão.
Santa Catarina
saúda João
O presidente da
conciliação

Notícias do Dia Notícias

“Empoderar é um direito”

Empoderar é um direito / Empoderamento / Direitos / Teresa Kleba / Departamento de Serviço Social / UFSC / Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas / Universidade Federal de Santa Catarina / Movimentos feministas / ONU / Organização das Nações Unidas / OEA / Organização dos Estados Americanos / Bolsa Família / Brasil / Autonomia / Mulher / Florianópolis / Equidade de gênero / Marcha Mundial de Mulheres

4/5 | NOTÍCIAS DO DIA | FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 3 E 4/12/2016

Empoderar é um direito

O verbo na ponta da língua tem um sentido muito mais amplo do que o usado atualmente, é objetivo da ONU, OEA e do Milênio

KARIN BARROS karin.barros@noticiasdodia.com.br

No dicionário, a palavra “empoderamento” significa “conceder ou conseguir poder; obter mais poder; tornar-se ainda mais poderoso”. Nos últimos anos, a palavra vem ganhando força nas redes sociais e nos meios de comunicação por grupos sociais que buscam resgatar ou adquirir direitos. A palavra está na moda e já foi tão usada, e muitas vezes de forma errônea, que já causa má impressão em quem não acompanha de perto os movimentos.

A professora Teresa Kleba, do departamento de serviço social da UFSC, e coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da universidade em Florianópolis, explica que “empoderamento” é uma categoria teórica e um conceito polêmico, voltado principalmente aos movimentos feministas. O verbo surgiu num período em que se começa a trabalhar a perspectiva de desenvolvimento sustentável pela escala humana, entre as décadas de 1980 e 1990. “Nessa fase, se dizia que o desenvolvimento não era possível sem a participação efetiva das mulheres, principalmente nas questões econômicas”, diz Teresa.

O movimento feminista se destaca pelo uso da palavra para trabalhar mais uma perspectiva de empoderar mulheres do Terceiro Mundo, dos países periféricos e subdesenvolvidos, como África, Índia e América Latina. Segundo os estudos da professora Teresa, nesses locais é possível visualizar um grande número de mulheres em situação de extrema pobreza

e sem as 11 necessidades básicas de sobrevivência do ser humano, segundo a ONU (Organização das Nações Unidas).

O empoderamento é ainda um dos objetivos da ONU e da OEA (Organização dos Estados Americanos), que o delimitaram como um dos oito objetivos do terceiro milênio, destacando o empoderamento econômico, social e político. Essas categorias visam dotar as mulheres de capacidade para que elas possam desenvolver atividades econômicas que lhes deem benefícios e que não precisem depender tanto de programas focalizados, como o Bolsa Família no Brasil.

O empoderamento na categoria econômica é associado a poder, e se confunde a um termo negativo. “Essa perspectiva feminista de trabalhar o empoderamento reconstrói e ressignifica a palavra ‘poder’. O empoderamento feminino é um poder que reconhece, valoriza, visibiliza e que privilegia as mulheres no sentido de elas se emanciparem, terem autonomia, deliberarem sobre o que é importante para elas, prioritário”, pontua a professora da UFSC.

O empoderamento político daria à mulher a capacidade de propor políticas públicas para o que elas consideram mais importante. “Porém, são os homens que definem as políticas públicas para as mulheres. Nós representamos 9% na Câmara em Brasília, e em Florianópolis, há oito anos não temos uma mulher na Câmara de Vereadores. Aqui, ainda não temos uma casa-abrigo para mulheres em situação de violência severa, não temos vários projetos que seriam importantes”, lembra Teresa.



MARCO SANTIMONIO



A professora Teresa Kleba (na foto à esq.) pontua o empoderamento econômico, social e político das mulheres. Acima, a marcha das mulheres, em São Paulo

EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS/NO

“

“Essa perspectiva feminista de trabalhar o empoderamento reconstrói e ressignifica a palavra ‘poder’. O empoderamento feminino é um poder que reconhece, valoriza, visibiliza e que privilegia as mulheres no sentido de elas se emanciparem, terem autonomia, deliberarem sobre o que é importante para elas, prioritário.”

“Nessa fase, se dizia que o desenvolvimento não era possível sem a participação efetiva das mulheres, principalmente nas questões econômicas.”

As ondas de conquistas

Uma categoria semelhante ao “empoderamento” é a “equidade de gênero”, que não significa simplesmente igualdade, mas tratar diferentemente os desiguais, as mulheres mais pobres, em situação de violência, e principalmente as negras, que de acordo com Teresa Kleba, são as que mais precisam de equidade de gênero. “As ações afirmativas e as cotas, por exemplo, vêm ao encontro disso”, sintetiza.

O movimentos feministas tiveram três ondas, e a que passamos atualmente seria considerada a quarta. Todas elas conquistaram alguma coisa de importante para a sociedade, como o direito ao voto para as mulheres. Já a quarta onda, segundo Teresa Kleba, vem valorizar o trabalho das ONGs e “vem pedir para os estudos feministas se abrirem para os impactos e consequências dos países de terceiro mundo, empoderar as pobres, indígenas, negras, para que sejam cidadãos participantes na distribuição das riquezas e que sejam protagonistas onde moram”.

As redes sociais têm papel fundamental nesse novo momento, multiplicam a informação e aceleram o processo em relação aos anteriores. Como é o que acontece com o movimento da Marcha Mundial de Mulheres, que tem como tema “Pão e rosas” e realiza ações pelo mundo inteiro mobilizadas via internet.

Notícias do Dia Notícias

“Literalmente, inventores de letra”

Literalmente, inventores de letra / Florianópolis / Tipografia / Lettering / Type design / Caligrafia / Café com Serifa / Ivan Jerônimo Iguti da Silva / Brasil / Bienal de Tipos Latinos / Coffee Calligraphic Associations / Curso de Jornalismo / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Designer Gráfico / Tipografias / Calígrafo / Bruno Abatti / Fonte / Jefferson Cortinove / Unifebe / Ponte Hercílio Luz / FloriGlyphos

6/7 | NOTÍCIAS DO DIA | FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 3 E 4/12/2016

Literalmente, inventores de letra

Evento em Florianópolis reúne calígrafos, *typer designers* e *letterings*

KARIN BARROS karin.barras@noticiasodia.com.br

Sabe aquela letra bonita, bem desenhada e “diferentona” que a gente encontra em convites, cardápios de restaurantes e em marcas famosas? Todas elas são muito bem pensadas por pessoas que estudam a tipografia em suas três vertentes: *lettering*, *type design* e caligrafia. Em Florianópolis, ocorre na próxima quarta-feira o terceiro Café com Serifa, evento que busca reunir profissionais do ramo para mostrar portfólio e trocar dicas e experiências.

A iniciativa do jornalista e calígrafo Ivan Jerônimo Iguti da Silva, 40, se soma a outros indícios do crescimento dessas profissões no Brasil. Em 2016, por exemplo, a quantidade de trabalhos brasileiros na Bienal de Tipos Latinos, concurso do qual participam designers de fontes de toda a América Latina, foi exatamente o dobro da edição passada e a maior desde 2006. Além disso, os dois principais grupos brasileiros de caligrafia no Facebook – Caligrafia e Coffee Calligraphic Associations – somam hoje mais de 20 mil membros.

A primeira edição do Café com Serifa reuniu quase 60 pessoas, para surpresa de Ivan, que acredita que cerca de dez pessoas trabalham como calígrafos na cidade atualmente. O evento foi inspirado no “Bisteirão da Ilustração”, que acontece em São Paulo e até teve uma versão na Capital, o “Berbigão da Ilustração”.

Ivan Jerônimo explica que a tipografia surgiu antes do século 14 – que foi marcado pela imprensa de Gutenberg. Na época, tudo era feito à mão, por isso, os livros – que eram em sua maioria sobre religião – eram muito caros. As edições eram feitas por copistas, que ficavam em mosteiros e desenvolviam os tipos de letras de acordo com a religião e o período histórico e artístico. “Os mosteiros da Alemanha e da França, por exemplo, tinham estilos diferentes”, explica.

Depois da invenção da imprensa, os tipos de letras começaram a variar e a ter um caráter não só de livro, mas de documentos. “As letras também correspondiam a cada estilo artístico, como o Barroco, Gótico e Renascentista”, explica o calígrafo, deixando claro que as fontes não tinham relação visual com a arte, mas herdava nome do movimento artístico.

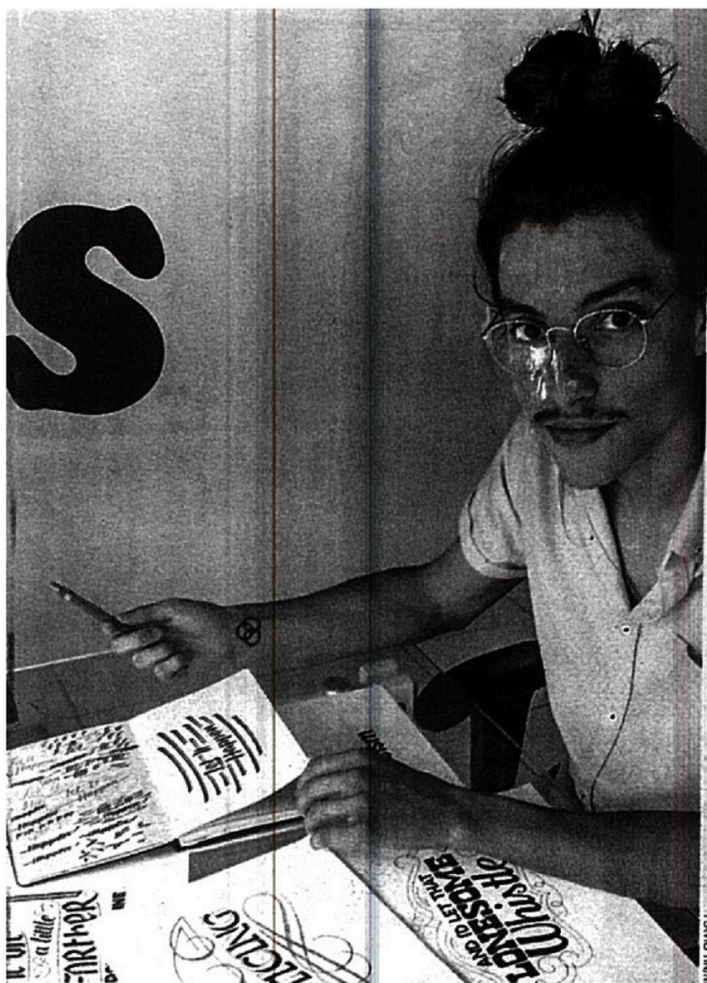
A relação de Ivan Jerônimo com os tipos começou nos anos 2000, quando cursando jornalismo na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e trabalhando como design gráfico, conseguiu uma bolsa para trabalhar no Japão. Por lá, fez um curso de caligrafia japonesa, e ali “despertou o olhar”. “Era difícil porque tinha que fazer o alfabeto japonês, e usávamos pincel e tinta, que não é tão firme como a pena, que é de metal”, lembrou ele. Ao retornar para o Brasil, o ofício com as letras parou, porque por aqui não havia especialização, estudos ou livros do estilo.

Porém, há quatro anos, com a expansão da caligrafia ocidental, artistas começaram a deixar o tradicional de lado e fazer algo mais contemporâneo, voltado para a *street art*. “A expressão se tornou mais individual e ficou mais fácil de ter informação e acesso a materiais. Eu já tinha algumas coisas, mas estavam guardadas porque não sabia usar”, recorda. Hoje, Ivan tem a caligrafia como segunda opção, na qual produz diversos trabalhos que vão desde a área gráfica até personalizar menus de restaurantes. Em primeiro plano vem o emprego como designer gráfico na UFSC.



O calígrafo Ivan Jerônimo, organizador do Café com Serifa, evento que atende a um segmento em expansão. Hoje a caligrafia é uma opção de trabalho para ele





Bruno Abatti trabalha com *letterings* e uma de suas especialidades é a escrita no quadro negro (abaixo). Acima, à dir., trabalho de Ivan

Thank
you



FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

Quadro negro como referência

Para ser um calígrafo, é preciso muito esforço pessoal, porque fora os poucos workshops dados por quem pratica a arte, o ensino do ofício é quase inexistente. Ivan explica que os cursos de design têm uma disciplina referente às fontes, mas para seguir é preciso buscar sozinho por livros, informação e prática.

Dentro das tipografias, três estilos ramificam os profissionais: o *type designer*, que é especialista em tipografia, responsável por desenhar as fontes que usamos no computador. Sabe ainda combiná-las de forma adequada ao projeto; o calígrafo, profissional que escreve textos manualmente em tipos específicos de letras, como cursivo e gótico; e o *lettering*, que realiza um trabalho manual semelhante ao do calígrafo, mas em vez de escrever as letras, desenha-as.

O estudante de design gráfico da UFSC Bruno Abatti, 21, faz o estilo *lettering* há quatro anos. Ele iniciou o curso e a vontade de trabalhar com *lettering* juntos. Durante a faculdade, que ainda está cursando, só uma disciplina compreende o assunto. Eventos como o Café com Serifa são importantes, segundo Bruno. "Participei da primeira, e é legal porque conhecemos outros trabalhos, conhecemos novos profissionais e pegamos dicas", diz. Ele, na carreira que vem recém-construindo, já é conhecido como o *lettering* dos quadros negros, ou paredes pretas.

Na realidade, ele fez apenas três trabalhos no estilo, mas o cardápio no café Uma Origem, no Mercado São Jorge, no Centro de Florianópolis, parece eternizado. Foram duas semanas desenhando e escrevendo em 7 metros de comprimento por 1,5 m de altura. "Acho que ficou marcado pelo tamanho e pelas diversas técnicas que usei", explica. Bruno afirma que para quem já trabalha com as letras, estudar design é um "plus", porque aprofunda o estudo das fontes, com a história da arte, por exemplo.

SEGUIE



Fontes de Floripa

Jefferson Cortinove, de Florianópolis, professor de tipografia na Unifepe (Centro Universitário de Brusque), também é um exemplo de *type designer*. Formado em artes plásticas, a relação com a tipografia começou por influência do pai, que era tipógrafo. Já na universidade, cursando artes plásticas, se interessou por algumas disciplinas extras, como tipografia e artes gráficas, e percebeu que suas poesias ficariam mais interessantes com um certo cuidado com a tipografia, o que foi o pontapé para mudar a sua área para o design gráfico.

Por volta de 1999, começaram seus primeiros esboços e tentativas de letras, mas a primeira fonte surgiu apenas em 2007, seguida em 2011 pela participação em um calendário alemão, o "Typodarium", dando visibilidade ao trabalho.

Em comemoração aos 90 anos da ponte Hercílio Luz, Cortinove criou a família completa de fontes inspiradas na arquitetura da ponte. O lançamento oficial foi em maio deste ano, com download gratuito. Hercílio DC é uma família tipográfica sem serifa, condensada, moderna e geométrica. A FloriGlyphos, também uma fonte inspirada na cidade, e outros projetos temáticos já estão sendo trabalhados inspirados na Capital.

Cortinove diz que apesar de a tipografia ser um mercado em expansão, ela ainda é uma prática pouco conhecida e valorizada no país. "Tanto o desenvolvimento como a compra das fontes são muito pequenos se comparados a outros países. A dica para quem está começando é aprimorar constantemente o desenho vetorial", diz ele.



FOTO FLAVIO TIN E REPRODUÇÃO/DI

Ao alto, a fonte Floriglyfos, inspirada nas inscrições rupestres da cidade, e logo acima, a fonte Hercílio, que tem como referência a ponte

SERVIÇO

O QUÊ

Café com Serifa

QUANDO

7/12, 18h

ONDE

Coffee & Shop 18, rua Acelon Pacheco da Costa, Santa Mônica, Fpolis

QUANTO

entrada gratuita

PROGRAMAÇÃO

■ Lançamento do livro de poemas "Roubadas de um jardim", do type designer Jefferson Cortinove

■ Lançamento dos cartões tipográficos da PARQUE Edições

■ Conversas sobre a possibilidade do DiaTipo Floripa em 2017

Encontro geek / Comic Con Experience / CCXP / São Paulo / Games /
Quadrinhos / Filmes / Músicas / Séries / América Latina / Brasil / Harry
Potter / Star Wars / Cavaleiros do Zodíaco / Alice Monstrinho / Florianópolis
/ Ale Presses / Curso de Doutorado em Design / UFSC / Kaol Porfírio /
Araranguá / Julius Ckvalheiyro

SUA VIDA COMPORTAMENTO

15.12.16 29:10
Editora: Gis Viera
gisviera@diariocatarinense.com.br

15.12.16 29:10
Editor: Cristian Weiss
cristianweiss@diariocatarinense.com.br

15.12.16 29:10
Editora: Mônica Jorge
monica.jorge@diariocatarinense.com.br

DIÁRIO CATARINENSE
SABADO E DOMINGO
3 E 4 DE DEZEMBRO DE 2016

32

Encontro geek

COMIC CON, EVENTO de cultura pop que ocorre até domingo em São Paulo, reúne o que há de mais inovador no mundo dos games, quadrinhos, filmes, música e séries

SIMONE FELDMANN
simone.feldmann@diariocatarinense.com.br
São Paulo

Preparação física e calcanhares de aço deveriam ser pré-requisitos para participar da Comic Con Experience (CCXP), o maior evento de cultura pop da América Latina. São quatro dias de convenção em São Paulo, que comecaram quinta-feira e terminam domingo, em um espaço de 100 mil metros quadrados repletos de atrações para quem gosta de filmes, quadrinhos, séries, música e games. Nesta terceira edição do evento no Brasil, a expectativa da organização é de receber

180 mil pessoas (foram 142 mil em 2015 e 92 mil em 2014).

Além de resistência para caminhar pelo evento, é preciso paciência para enfrentar todas as filas. A primeira, para retirar a credencial, leva no mínimo uma hora, tendo sorte e chegando tarde. Teve gente que chegou às 15h de quarta-feira para participar do evento a partir das 12h de quinta-feira.

Dentro da São Paulo Expo o espaço é suficiente para caminhar com tranquilidade, mas há filas para participar das atividades nos estandes interativos, como a da produção de terror brasileira *O Rastro: A Experiência*, onde os visitantes percorrem um labirinto que

simula as dependências de um hospital desativado, o cenário principal do longa. Também há filas em estandes de lojas oficiais, como as de Harry Potter e Star Wars. Apesar de desgastante, o evento é surpreendente. É possível ver de perto as doze armaduras de ouro dos Cavaleiros do Zodíaco, que saíram do Japão pela primeira vez para exposição na CCXP. Muitas das *action figures* (esculturas de personagens de ação) são impressionantes e estão espalhadas por todos os lados e em todos os tamanhos. E em cada canto é possível encontrar um cosplay diferente, um mais criativo que o outro (com exceção das dezenas de Coringas e Arlequins).

CINCO LUGARES IMPERDÍVEIS NA CCXP



Artists Alley reúne 461 artistas

O youtuber catarinense Marcelo Nunes, do canal *Ward News*, conferiu o primeiro dia do evento e selecionou os pontos mais interessantes do Comic Con Experience 2016.

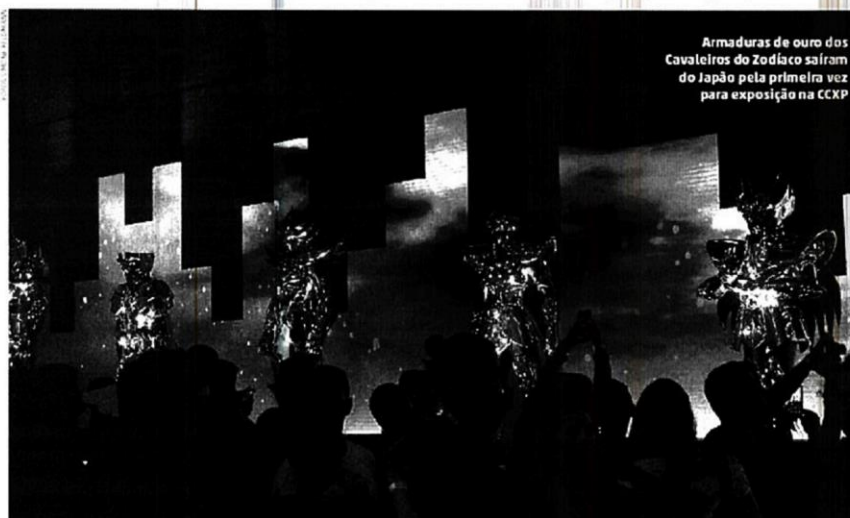
1 AUDITÓRIO CINEMARK - onde ocorrem os principais painéis, convenções e entrevistas. O local tem capacidade para 5,5 mil pessoas e uma boa infraestrutura. Um ponto interessante são as legendas em tempo real.

2 ESTANDE DA FOX FILM - conta com atrações relacionadas aos filmes *Tojran*, *Assassin's Creed*, *Kingsman* e *Alien*. No espaço reservado a *Assassin's Creed*, filme baseado em uma franquia de jogos, é possível praticar ações como *leap/kout* e uma queda livre de cinco metros, simulando o salto de fé realizado pelo personagem.

3 ESTANDE DA NETFLIX - o local tem atrações relacionadas a quase todas as produções originais da Netflix. Há um espaço para a série brasileira *3%*, onde é possível participar de desafios semelhantes aos vividos pelas personagens. Também há novidades a todo momento, variando a série em destaque desde *Black Mirror* até *Stranger Things*.

4 ARTISTS ALLEY - são 461 artistas que vendem seus produtos, dão autógrafos, trocam ideias com seus fãs. É possível encontrar artistas brasileiros, como Carlos Ruas, de *Um Sábado Qualquer*, até quadrinistas da Marvel e da DC.

5 ESPAÇO STAR WARS - no estande da Disney há um espaço reservado para *Star Wars*, com uma loja oficial vendendo todo o tipo de produtos relacionados aos filmes, como *action figures*, camisetas, bonecos de pelúcia e outros objetos. Também estão expostos os figurinos originais de *Rogue One*, *Uma História Star Wars*, que estreia no próximo dia 15 de dezembro.



Armaduras de ouro dos Cavaleiros do Zodíaco saíram do Japão pela primeira vez para exposição na CCXP

CONHEÇA OS ARTISTAS DE SANTA CATARINA QUE PARTICIPAM DO EVENTO



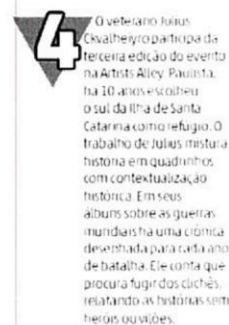
1 Entre 461 artistas selecionados para participar da Artists Alley, está **Alice Monstrinho**, de Florianópolis, que trabalha com ilustrações e criação de personagens há cerca de sete anos. Ela se dedica a projetos pessoais e independentes e já lançou duas publicações, o artbook bilíngue para coloring *Radioactive!* e o quadrinho *Bad Omori*, lançado no CCXP. Quando as pessoas pegam algum quadrinho e vemos um sorriso no rosto, é muito legal - diz Alice, que participa do evento pela terceira vez.



2 A ilustradora **Ale Presses** (esquerda na foto), que mora em Florianópolis e cursa doutorado em Design na UFSC, começou a desenhar quando criança, o que virou profissão há cerca de 16 anos. Depois disso, tudo que fez na vida girou em torno da ilustração. Este ano lançou a revista *Azazil*, sobre amizade e sobre as mudanças que as pessoas exercem em nossas vidas.



3 **Kaol Porfírio** (direita na foto), que divide a mesa com Ale Presses, acaba de se mudar para Araranguá, no Sul do Estado. Suas ilustrações são conhecidas na internet por conta do projeto *Fight Like a Girl* (lute como uma garota), homenagem às mulheres fortes, que lutam pelos seus direitos no dia-a-dia, ilustradas com personagens como Daenerys, de *Game of Thrones*.



4 O veterano **Julius Ckvalheiyro** participa da terceira edição do evento na Artists Alley Paulista, há 10 anos e soube o sul da Ilha de Santa Catarina como refúgio. O trabalho de Julius mistura a história em quadrinhos com contextualização histórica. Em seus álbuns sobre as guerras mundiais há uma história desenhada para cada ano de batalha. Ele conta que procura fugir dos clichês, relatando as histórias sem heróis ou vilões.

Notícias do Dia
Editorial de Plural

“Caligrafias”

Caligrafias / UFSC / Teresa Kleba / Empoderamento



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

03/12

[Confira dicas do 'Descolados' para o vestibular da UFSC](#)